

TODOS OS POLICIAIS SÃO BASTARDOS”: REFLEXÕES SOBRE O FUTEBOL E A REVOLUÇÃO EGÍPCIA

ALL COPS ARE BASTARDS”: REFLECTIONS ABOUT SOCCER AND THE EGYPTIAN REVOLUTION

*Layssa Bauer Von Kulitz**

Cite este artigo: KULITZ, Layssa Bauer Von. “Todos os Policiais são Bastardos”: reflexões sobre o futebol e a Revolução Egípcia. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 129-139, dezembro. 2014. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 31 de dezembro. 2014.

Resumo: O ano de 2011 foi testemunha de múltiplas eclosões de protestos e manifestações que tomaram espaço em países do Oriente Médio, posteriormente compilados como um só evento intitulado Primavera Árabe. Neste esquema, o Egito toma um lugar especial e peculiar, tendo demonstrado em seus movimentos revolucionários forte atuação de grupos ultras, que funcionaram algumas vezes como gestores e organizadores das batalhas reivindicatórias da Praça Tahrir Square. Estes ultras egípcios instrumentalizaram suas habilidades de combate, há muito postas em prática no território do Cairo, reivindicando em concordância com o novo esquema nacional de embate revolucionário da “Revolução Egípcia” de 2011. O presente trabalho visa, dentro do escopo da participação dos ultras na “Revolução Egípcia”, discutir o modo com que algumas torcidas organizadas egípcias atuaram na nova dinâmica revolucionária estabelecida em 25 de janeiro de 2011, demonstrando as formas com que o grupo de ultras do al-Ahly canalizaram suas contendas políticas antes e depois da revolução.

Palavras-chave: Futebol; Egito; Torcida organizada; Primavera árabe;

Abstract: The year 2011 has witnessed multiple protests and demonstrations which took part in Middle Eastern countries, later compiled as a single event called Arab Spring. In this scheme, Egypt takes a special and peculiar place, having demonstrated in its revolutionary movements a strong performance of ultra groups, who worked sometimes as organizers and managers for the vindicatory battles in Tahrir Square. These Egyptian ultras instrumentalized their combat abilities, long put into practice in the territory of Cairo, vindicating in agreement with the new national scheme of revolutionary combat of the "Egyptian Revolution" of 2011. This work aims, within the scope of participation of the ultras in the "Egyptian Revolution", discuss the way that these Egyptian organized supporters acted in the new revolutionary dynamic established in the 25th of January of 2011, demonstrating the ways in which the group of ultras of al-Ahly canalized its political strifes before and after the revolution.

Keywords: Soccer; Egypt; Organized supporters; Arab spring.

1. A revolução e seus revolucionários

A “Revolução Egípcia”, como muitos se determinaram a chamar, teve seu primeiro protesto coordenado no dia 25 de janeiro de 2011 e, no decorrer de suas manifestações e demonstrações, expos gradativamente a intensa e irredutível presença de torcidas de futebol nos enfrentamentos das grandes massas de egípcios revoltosos com a polícia. A atuação destes torcedores perante a multidão que se juntava na Praça Tahrir Square não se resumiu a de meros coadjuvantes. Por vezes, as bandeiras sendo içadas e agitadas ao lado das bandeiras nacionais do Egito eram bandeiras de clubes de futebol.

A elevação de bandeiras das torcidas de clubes de futebol egípcios juntamente aos emblemas da revolução sendo agitadas no ar, indica um compartilhamento, mesmo que momentâneo, do momento no qual estas bandeiras estão sendo levantadas: o momento da revolução, das batalhas de rua e das guerrilhas urbanas. A participação de torcedores de futebol, se apresentando como tais, nos enfrentamentos urbanos da “Revolução Egípcia” simbolizou a entrada de atores experientes no embate policial e na reivindicação política de arquibancada nas batalhas revolucionárias.

Como Manuel Castells expõe em seu livro *Redes de Indignação e Esperança*: muitos protestos políticos, greves, confrontos trabalhistas e lutas em busca de direitos civis antecederam a “Revolução Egípcia” e, por via de suas demandas e reivindicações, redes foram sendo formadas, redes estas que estruturaram a malha social que ocuparia a Praça Tahrir Square no dia 25 de janeiro. Foi através destas redes, ampliadas pela internet, que se estenderam as causas revolucionárias a grupos como as torcidas de futebol:

As redes conectavam-se não apenas a indivíduos, mas às redes de cada um deles. Particularmente importantes foram as redes de torcedores de clubes de futebol, principalmente o al-Ahly e seu rival Zamalek Sporting, que tinham uma longa história de enfrentamento com a polícia. (CASTELLS, 2012, p.47)

A participação dos clubes do al-Ahly e do Zamalek nas contendas políticas que visavam o “pão, liberdade e justiça”[1], isto é, que aspiravam “derrubar Mubarak e seu regime, pediam eleições democráticas e clamavam por justiça e redistribuição de riqueza”[2], acabou por traduzir uma vontade reivindicatória latente nessas torcidas, que nunca antes tinha sido posta em prática em tal escala.

A participação dos ultras no processo revolucionário foi uma característica especialmente intensa no caso egípcio, mesmo que não tenha sido *sine qua non* à geração e ao desenvolvimento da Revolução Egípcia. A familiaridade cotidiana dos torcedores de futebol com os subtextos políticos presentes no futebol foi carregada aos protestos e batalhas revoltosas, manifestando um descontentamento amplo da sociedade egípcia, dividido intensamente naquele momento.

Devemos manter em mente que as torcidas de al-Ahly e Zamalek, clubes rivais fixados na cidade do Cairo, se diferenciam da maior parte das torcidas organizadas na medida em que se

constituem como ultras. Como José Paulo Florenzano trata em seu trabalho *A Babel do futebol*, os ultras, inspirados por modelos britânicos, se diferenciam das estruturas típicas de torcidas organizadas por suas características constitutivas e ultrapassam “a delimitação das curvas enquanto espaço exclusivo das facções; a combatividade agressiva direcionada aos agrupamentos rivais; a exaltação da força física e da masculinidade viril, associadas à classe trabalhadora na qual se inseriam os torcedores; o desprezo por qualquer forma de diferença capaz de pôr em risco a identidade coletiva; a coesão interna tecida ao redor da equipe, apoiada de forma incondicional através de coros e cantos entoados incessantemente no transcorrer de toda a partida”[3]. Torcidas como a do al-Ahly, além de complexificarem as coreografias encenadas nas arquibancadas, abarcam questões políticas e ideológicas que matizam sua atuação nos estádios, passando “do protesto político à citação literária, passando pela provocação jocosa”[4]

Contudo, apesar de terem surgido em meio “às matrizes ideológicas do extremismo político”[5], os ultras não se resumem a isso. Suas simbologias políticas trazidas aos estádios de futebol se recontextualizam, separando-se de suas referências originais, e enchem de protagonismo seus espetáculos de confronto, regidos sobre a “metáfora da guerra”[6].

O engalfinhamento do futebol, ou melhor, dos clubes de futebol com o extremismo político e ideológico, por sua vez, é herança de todo um processo histórico, que nos remete ao Egito colônia. Época em que muitos líderes políticos contrários aos projetos governamentais se refugiavam em clubes de futebol, que, por um bom tempo, se constituíram como núcleos independentes do governo egípcio. Pode-se dizer que, pelo fato de alguns clubes constituírem-se como centros independentes dos poderes centrais do Estado, eles agregaram grande parte da oposição política.

Após a independência do Egito em 1922, mesmo que ainda sobre tutela da Inglaterra por mais alguns anos, o espaço para contestação e oposição oficial ao governo oscilava. A intermitente presença de partidos de oposição fazia com que outros canais de representação fossem construídos, o que significa dizer que, os clubes e torcidas de futebol, assim como outras instituições, se estruturavam lentamente como espaços políticos de contestação[7]. As crises de representatividade que muitas vezes pautaram o esquema político egípcio fizeram convergir grandes números de insatisfações e insatisfeitos a locais fora do alcance estatal.

Em um cenário mais atual, no contínuo e quase que interminável estado de emergência de Mubarak, o unipartidarismo egípcio levou as forças dissidentes a se agregarem ainda mais a órgãos e instituições desvinculadas do regime. A quebra do monopólio do Partido Nacional Democrático acabou por abrir outras e novas formas de agrupamento opositivo, o que, por sua vez, fez com que as torcidas de futebol agregassem para si enormes quantidades de egípcios contrários ao regime.

2. Assistencialismo e violência

Em soma ao ambiente politicamente agressivo, o fato de alguns clubes egípcios possuírem um sistema econômico que não depende do financiamento governamental também

significou sua independência financeira e seu apelo ainda maior a grupos que não se viam representados por instituições políticas ligadas ao governo. Clubes como o do al-Ahly se mantinham por via da cobrança de mensalidades, venda de materiais do clube e, por vezes, patrocinadores.

A experiência dos ultras de enfrentamento policial, juntamente a suas raízes assistencialistas, são qualidades que desempenharam um importante papel na relação entre torcidas e manifestações revoltosas. As tentativas de torcidas como a do al-Ahly de arcar com os custos ligados à hospitalização e morte de seus membros, no caso de eventuais brigas com a polícia, corroboraram com sua legitimação como gestores de manifestações e protestos[8].

Quanto à experiência de enfrentamento policial – experiência essa que podemos até dizer que se constitui um dos, se não o principal, imperativos da torcida do al-Ahly – não só posicionou os ultras na frente de batalha da “Revolução Egípcia”, como também mesclou este seu *ethos* de contestação policial aos esforços feitos pelos revoltosos na luta nacional pela liberdade. A luta contra a polícia há muito se constituiu como símbolo de contraposição ao Estado – afinal, o que é a polícia egípcia se não a mais capilar representante deste mesmo Estado, corrupto, violento e indolente – e na revolução de 2011 também se tornou uma categoria identitária importante para esta.

3. Torcidas de futebol no Egito

Cada clube de futebol egípcio – assim como suas respectivas torcidas – simboliza categorias identitárias distintas e essenciais ao entendimento deste *ethos* lutador exacerbado pela “Revolução Egípcia”. De acordo com Murilo Meihy, são três os fatores que devem ser levados em conta ao tratarmos das identidades futebolísticas dos clubes egípcios: classe social, filiação política e rivalidades regionais. O Egito abriga diversos clubes de futebol, cada qual com seu time, que por sua vez abarca sua própria torcida. Tais torcidas se fixam em certas regiões e atingem certos públicos, incorporando a lógica de locais particulares no campo econômico e cultural mais geral da sociedade egípcia.

Claro que, dentro do escopo deste público específico, as torcidas de futebol funcionam com fluidez e heterogeneidade, abarcando “variadas expectativas, faixas etárias, níveis econômicos” [9]. Os ultras, em contraponto, concentram grupos menores e mais específicos dentro da torcida, um tanto menos heterogêneos se comparados a maior parte dos participantes das torcidas organizadas. Estes torcedores, e ultras, matizam um conjunto de indivíduos diferentes que se convergem em uma mesma direção, o time de futebol. A diferenciação entre as diversas facetas de ser “torcedor” – como temos os ultras, o torcedor organizado e os torcedores comuns – é tratada por autores como Luiz Henrique Toledo e José Paulo Florenzano, que se debruçam na tentativa de traçar perfis do que seriam esses diferentes torcedores e do que os diferenciaria uns dos outros. As multidentidades dos muitos tipos de torcedores preenchem as torcidas organizadas com conjuntos cada vez mais diferenciados de indivíduos.

Explorando o processo de estabelecimento do futebol nos países africanos, Peter Alegi, em seu livro *African Soccerescapes: How a Continent Changed the World's Game*, chama atenção para as multidimensões identitárias que o futebol acabou por produzir:

While much was achieved in the first decade of independence, African football struggled to produce a lasting sense of nationhood. This was partly due to the game's paradoxical ability to unite participants while simultaneously dividing them. This inherent quality of team sport complicated nationalist agendas in postcolonial nations that had been artificially created by European powers and continued to be marked by cultural pluralism, class and ethnic divisions, and other social cleavages. Much to the chagrin of African governments, football fostered multiple identities. The national championships allowed citizens to choose to belong to the 'imagined community' of the nation, without neglecting individual, local, ethnic, religious, and other identities. (ALEGI, 2010, p.63)

O al-Ahly Sporting Club, além de abrigar uma das maiores torcidas do mundo, agrupa como grupo majoritário em suas arquibancadas torcedores da classe trabalhadora, que já carregam uma natural contestação ao regime e, por conseguinte, à polícia, tendo, inclusive, como seu lema oficial: *All cops are bastards*. A dificuldade de suas vidas se traduz no rancor que guardam pelo Estado e seus dirigentes, assim como traduz suas empreitadas combativas à polícia, representante micro capilar da administração governamental egípcia corrupta e violenta.

O clube do al-Ahly Sporting Club convive com uma rivalidade quase que homérica de suas torcidas com as torcidas do outro time da cidade do Cairo, Zamalek Sporting Club, - mais conhecido como al-Zamalek. Este, por sua vez, é um clube da classe média alta que abriga indivíduos mais instruídos e influentes, em sua grande parte universitários. Ambos os clubes habitam a mesma cidade, mas representam ideais muito diferentes, pois falam em sua maior parte com locais sociais distintos. A identidade da maior parte dos torcedores de cada um colide com a do outro, sendo o al-Ahly um clube que corporifica a luta das camadas pobres do Cairo, enquanto que al-Zamalek - nome dado em homenagem ao bairro da classe média alta da cidade, Zamalek – corporifica uma classe um pouco mais abastada, mas que ainda sofre com as altas taxas de desemprego e com as violentas demonstrações de força policial. Claro que, dentro do escopo destas camadas de baixa renda e camadas mais abastadas, cada uma destas torcidas congrega as mais diferenciadas experiências de vida, ideais, demandas, etc.

O Clube do al-Ahly foi fundado em 1906 por estudantes opositores aos mandos do colonialismo inglês, tendo desde sua fundação contido em sua bandeira o nome que simboliza a independência egípcia “al-Ahly”, que significa Nacional. Desde seus primórdios o clube enfrenta oposição do império britânico, que ameaçava suspender e fechar o clube, principalmente após o estabelecimento de seu primeiro presidente, Sad Zaghloul, líder político nacionalista. O domínio do al-Ahly no futebol egípcio começou em 1948, com a criação da Liga Egípcia, na qual conquistou nove títulos consecutivos, entre 1949 e 1959. Somente no início dos anos 60 que o domínio do Nacional no futebol egípcio foi rompido. Um clube fundado em 1911, criado no bairro de Meet Okba, chamado em primeiro momento de el-Mokhtalat, em segundo momento de Farouk Club, e finalmente de Zamalek, começou a ganhar seu espaço na Liga Egípcia. Com a

emersão de Zamalek os derbys do Cairo começaram a se polarizar, de um lado o clube nacionalista, do outro um clube cujo qual o primeiro presidente foi o belga Sir Merbach, e que sempre se abriu ao estrangeiro.

A rivalidade entre ambos os times atinge tal escala caótica que é bastante difícil achar um árbitro egípcio para apitar os jogos do al-Ahly contra o Zamalek. Normalmente são árbitros estrangeiros que são convidados a apitar tais jogos, a exemplo de Pairetto, George Courtney e Vautrot.

As torcidas do al-Ahly e do Zamalek foram definitivamente as mais notáveis presentes na multidão revoltosa, tendo seus ideais reivindicatórios identificados nas ânsias da revolução. Curiosamente, o Egito testemunhou, durante a Primavera Árabe, uma aliança bastante inesperada: a junção destas torcidas, al-Ahly e Zamalek, que frente a um inimigo em comum (o Estado de Mubarak) se aliaram nas ruas de Cairo, fundindo suas insatisfações e desejos e transformando-as em gritos e cânticos revolucionários[10]. A simbologia deste simples ato nos matiza um cenário que pode ser descrito como a reconfiguração da atuação destas torcidas perante o novo esquema político social revolucionário. O governo de Mubarak atingiu um ponto de oposição e insatisfação tão alto que dois rivais futebolísticos quase que titânicos deixaram de lado suas desavenças para partilharem de uma única batalha, a instauração de um novo governo egípcio, um governo em que ambas as classes sociais e filiações políticas das duas torcidas pudessem prosperar.

4. Massacre de Port Said

Mais curioso ainda foi o evento do dia 1 de fevereiro de 2012, em que se desenrolou o que agora estão se referindo como Massacre de Port Said, onde, ao final de uma partida de futebol entre al-Ahly e al-Masry, setenta e quatro torcedores foram mortos após a invasão do campo por torcedores do clube al-Masry e sua consecutiva guerrilha com os torcedores do clube al-Ahly.

O clube al-Masry tem suas bases na cidade de Port Said, ranqueado como terceiro melhor time do Egito (atrás somente dos rivais al-Ahly e Zamalek), e é financiado pelo governo egípcio. Sua participação no evento é dita fazer parte de uma conspiração governamental politicamente motivada a atuar contra a torcida do al-Ahly em retaliação a sua intensa participação da “Revolução Egípcia”[11]. Isso por que o desdobramento do evento que levou ao Massacre de Port Said demonstrou alguns muitos lapsos na segurança policial encarregada do evento.

A partida entre al-Ahly e al-Masry foi atrasada por conta da presença dentro do campo de alguns torcedores do Marsy, lugar os quais estes torcedores voltaram a ocupar durante o intervalo do jogo. Localizados um em cada canto do estádio, os torcedores do al-Marsy estavam na zona oeste, enquanto os torcedores do al-Ahly ocupavam a zona leste. Muitos dos torcedores do al-Masry da cidade portuária entraram no estádio portando porretes, facas e pedras, que usaram posteriormente ao se direcionarem no fim do jogo a arquibancada do time adversário, conduzindo muitos dos jogadores e torcedores aos vestiários do al-Ahly, onde quatro pessoas

morreram. A falta de atuação policial durante a invasão dos torcedores do al-Masry à área designada a torcida adversária, o frouxo processo policial de revista dos torcedores, assim como o frouxo processo policial de conferir o ingresso dos torcedores do time al-Masry apontaram para uma negligência proposital deste órgão na segurança do evento. Enquanto as forças policiais testemunhavam a eclosão de uma batalha no Estádio de Port Said de braços cruzados, por assim dizer, o clube do al-Masry se direcionava as bancadas do outro lado do campo, onde causou setenta e quatro mortes e mais de novecentas ocorrências de ferimentos[12].

Com a eleição do candidato da Irmandade Mulçumana à presidência do Egito feita somente meses depois desta trágica ocorrência na cidade portuária, ativistas políticos egípcios acusaram o Conselho Supremo das Forças Armadas (SCAF) e remanescentes do antigo regime ainda em posições de poder, de terem tramado o Massacre de Port Said como uma medida contra revolucionária. Castells, em nota ao seu capítulo sobre a “Revolução Egípcia” fala:

O importante papel desempenhado pela torcida do clube de futebol al-Ahly na manifestação anti-Mubarak não foi esquecido pela polícia central de segurança. Em 1º de fevereiro de 2012, num jogo realizado em Port Said, atacaram jogadores e torcedores do al-Ahly sem qualquer reação dos policiais presentes no estádio. A óbvia cumplicidade da velha polícia de Mubarak e a permissividade do regime militar em relação à agressão levaram a violentas manifestações no Cairo nos dias 2 e 3 de fevereiro, com centenas de pessoas investindo contra prédios da polícia tendo nas mãos a bandeira do al-Ahly. Várias delas foram mortas e centenas, feridas.”(CASTELLS, 2012, p.236/237)

As reações posteriores ao evento diagnosticavam a atuação da polícia, do governo e do al-Masry de formas bastante similares: falava-se na cumplicidade destes grupos na retaliação a um dos pilares do movimento revolucionário de 2011:

The riot refocused attention on the failure of the transitional government to re-establish a sense of order and stability in the streets and threatened to provoke a new crisis for Egypt’s halting political transition. The deadliest soccer riot anywhere in more than 15 years, it also illuminated the potential for savagery among the organized groups of die-hard fans known here as ultras who have added a volatile element to the street protests since Mr. Mubarak’s exit. (...) Leading members of the newly elected Parliament accused the military-led government of deliberately allowing the violence to escalate to justify its expansive police powers and undermine the revolution. Lawmakers demanded high-level resignations and threatened a vote of no confidence in the military-appointed cabinet, and Parliament scheduled an emergency session on Thursday to discuss the episode. (KIRKPATRICK, 2012)

Após o Massacre de Port Said, acontecimento condenado pela mídia e acompanhado por manifestações e protestos que logo se direcionaram as falhas do governo transicional, torcedores do clube Zamalek mostraram sua solidariedade aos fãs do clube al-Ahly, com os quais compartilharam batalhas revolucionárias um ano antes:

In Cairo, the die-hard fans of the capital’s Zamalek club, usually archrivals of Al Ahly, abandoned a match in midgame in solidarity with the team, burning their signs as they usually do at the end.

The match was called off, and by the end of the night, the league had suspended its schedule. (...) Apolitical before last year’s uprising, the fans, or ultras, were known for their rowdy behavior, obscene chants and apparently endless enthusiasm for clashes with the often-brutal Egyptian police. (...) The ultras joined the revolt against Mr. Mubarak on the first day of protests, taunting and harassing the police as they tried to crack down on thousands of other marchers heading for Cairo’s Tahrir Square. Protest organizers said that they had played a more central role in the “battle of the camels,” helping to beat back mobs of Mubarak supporters in a daylong battle of rocks and gasoline bombs. Thursday is the anniversary of that event, a turning point in the Egyptian revolt. (KIRKPATRICK, 2012)

Antes de qualquer tipo de interpretação do dito evento, me cabe dizer que as lutas que incluem violência entre torcidas são extremamente raras no Egito, já que os enfrentamentos usualmente se direcionam aos policiais, tornando o incidente ainda mais curioso. Tipicamente os enfrentamentos futebolísticos ocorridos no Egito se dão dentro da dinâmica de enfrentamento policial, não são usuais as batalhas diretas entre torcidas. As rivalidades e querelas entre torcidas se dão dentro dos clubes e arquibancadas, sendo corporificadas nos ataques verbais, nos cânticos e nos cartazes apresentados nos jogos, nas sedes e nos muros das ruas. Sob a luz do que estamos discutindo no presente trabalho, tal incidente embasa ainda mais as categorias identitárias dos clubes e torcidas mencionadas - al-Ahly, al-Zamalek e al-Masry - e suas diretas ramificações. Enquanto um clube financiado pelo governo, contendo em seu repertório de torcedores grandes admiradores do regime, se tornou o inimigo mortal do clube al-Ahly e pouco atuou nos eventos da “Revolução Egípcia”, o al-Ahly, atuante nas manifestações do ano passado, se aliou a seu antigo rival Zamalek e se mesclou ao novo esquema reivindicatório político.

Considerações finais

A experiência quase que paramilitar **[13]** das torcidas de futebol egípcias se tornou um fator legitimador de sua intensa participação na coordenação das manifestações revoltosas, ilustrando as frustrações e reivindicações nacionais, e, corporificando-as no enfrentamento físico das massas egípcias contra o representante mais visível do regime, a polícia. A histórica rixa com a polícia é aí usada como referência para a revolução, que, através da tutela dos ultras, conseguiu enfrentar não só a polícia, mas o governo, demonstrando fisicamente as frustrações do povo egípcio e elevando-as a bandeira da revolução.

A violência praticada entre torcedores e policiais, como Maurício Murad retrata em seu livro *Para Entender a Violência no Futebol*, é o retrato em escala capilar da violência do Estado egípcio para com seus cidadãos. Enfrentar a polícia, dar assistência aos feridos por ela e ser financeiramente independente do governo simbolizava o surgimento de um órgão que pudesse canalizar seus extremismos políticos e ideológicos de forma legítima e separadas do espectro governamental. Enfim, as torcidas se estruturavam como um micro cosmos em constante oposição ao Estado, com suas próprias regras e convenções sociais. As torcidas organizadas egípcias, antes da “Revolução Egípcia”, eram forças que encaravam a revolta em seus próprios termos e com seus fins idiossincráticos, situação que, após o início da Primavera Árabe fez com

que estas forças demonstradas pelos ultras se mesclassem as demandas gritadas nas ruas do Egito, tomando a frente de muitas manifestações e protestos.

Antes da “Revolução Egípcia” os ultras do al-Ahly Sporting Clube, assim como os do Zamalek Sporting Club, se estabeleciam em meio a extremismos políticos e ideológicos, como mostrou José Paulo Florenzano, recontextualizando-os no esquema de enfrentamento policial, propiciado pela lógica da guerrilha, que permeia as atuações destes ultras. Após o 25 de janeiro de 2011, estes mesmos torcedores fanáticos reconfiguraram suas formas de atuação de modo a mesclar seus clamores extremistas aos dos manifestantes, guiando-os nas maneiras da guerrilha urbana praticada por eles há anos. 🌀

NOTAS

*Layssa Bauer Von Kultz é estudante de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: layssa_bauer@hotmail.com.

[1] CASTELLS, 2012, P.58.

[2] *Idem.*

[3] FLORENZANO, 2010, P. 153.

[4] FLORENZANO, 2010, P. 153.

[5] FLORENZANO, 2010, P. 154.

[6] FLORENZANO, 2010, P. 155.

[7] De acordo com Darby (2002) muitos países da África tiveram suas estruturas futebolísticas estritamente voltadas a uma luta nacionalista em prol da independência institucional colonial, como destrinchou em seu livro *Africa, Football and FIFA: politics, colonialism and resistance*: “Clubs invariably had a close identity with the people in that part of town where they were located soccer became na embodiment of the african experience in the city. Thus, in the decades that followed its intoduction, soccer became an african possession. It was part of the experience of living in bulawayo, johannesburg, lagos or anywhere else that it was played across the continent. The game was wrested from european control and used by the african population to assert their new urban identity. The game became an expression of defiance towards the state and of independence from their colonial oppressors.” (...) “in north africa, many soccer clubs also acted as centres of anti-colonial sentiment and the promotion of nationalist tradition. The earliest example of this can be found in the egyptian club el ahly which was found in 1907 as a response to and reaction against colonial policies which involved segregation of the ethnic groups which constituted the local population.” (Darby, 2002, p.27)

[8] Devo estas informações acerca do assistencialismo de alguns clubes de futebol egípcios a Murilo Meihy, que em um ato de muita gentileza me contextualizou em alguns detalhes do assunto, presentes em seu seminário roda de futebol: *Torcidas Organizadas – Hooliganismo – Copa do Mundo*.

[9] TOLEDO, 1996.

[10] MONTAGUE, 2001.

[11] LATHAM, 2012.

[12] ISKANDAR, 2012.

[13] Termo aqui utilizado no sentido de expressar a naturalidade e engenhosidade típicas de alguns clubes egípcios no que tange o enfrentamento físico e, mais ainda, no que tange ao enfrentamento da polícia frente a uma força publicamente nacionalista e contrária ao governo.

REFERÊNCIAS

- ALEGI, Peter. **African Soccerescapes: How a Continent Changed the World's Game**. Ohio: Ohio University Press, 2010.
- ABOU-EL-FADL, Reem. **The Egyptian Revolution, One Year On**. *Jadaliyya*. Disponível em: <<http://www.jadaliyya.com/pages/index/6098/the-egyptian-revolution-one-year-on>>. Acessado em: 05 Setembro de 2012.
- BELL, Jack. **In Egypt and Tunisia, The Games Must Go On**. *The New York Times*. Disponível em: <<http://goal.blogs.nytimes.com/2011/04/10/in-egypt-and-tunisia-the-games-must-go-on/>>. Acessado em: 05 de Setembro de 2012.
- BUSH, Ray. **The Revolution in Permanence**. *Jadaliyya*. Disponível em: <<http://www.jadaliyya.com/pages/index/6482/the-revolution-in-permanence>>. Acessado em: 05 de Setembro de 2012.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COOK, Steven A. **The Struggle for Egypt: From Nasser To Tahrir Square**. Oxford University Press. Londres, 2012.
- DARBY, Paul. **Africa, Football and Fifa: Politics, Colonialism and Resistance**. Frank Cass Publishers. Great Britain, 2002.
- DAVIS, Muriam Haleh. **The Post-Racial Pitch: FIFA, Nationalism and Islam**. *Jadaliyya*. Disponível em: <http://www.jadaliyya.com/pages/index/2107/the-post-racial-pitch_fifa-nationalism-and-islam>. Acessado em: 05 de Setembro de 2012.
- FAHMY, Mohamed Fadel; LEE, Ian. **Anger flares in Egypt after 79 die in soccer riot**. CNN. Disponível em: < http://edition.cnn.com/2012/02/02/world/africa/egypt-soccer-deaths/index.html?hpt=hp_t1>. Acessado em: 17 de novembro de 2013.
- FLORENZANO, José Paulo. **A Babel do Futebol: Atletas Interculturais e Torcedores Ultras**. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul./dez. 2010.
- FOER, Frankling. **Como o Futebol Explica o Mundo: Um Olhar Inesperado Sobre a Globalização**. Jorge Zahar. São Paulo, 2005.
- ISKANDAR, Adel. **A Year in the Life of Egypt's Media: A 2011 Timeline**. *Jadaliyya*. Disponível em: <http://www.jadaliyya.com/pages/index/3642/a-year-in-the-life-of-egypts-media_a-2011-timeline>. Acessado em: 05 de Setembro de 2012.
- KIRKPATRICK, David D. **Egyptian Soccer Riot Kills More Than 70**. *New York Times*. Disponível em: < http://www.nytimes.com/2012/02/02/world/middleeast/scores-killed-in-egyptian-soccer-mayhem.html?_r=Q>. Acessado em: 17 de novembro de 2013.
- LATHAM, Brent. **The politics behind Egypt's football riot**. ESPN. Disponível em: < http://espn.go.com/sports/soccer/story/_/id/7532975/the-politics-egypt-football-riot-brent-latham>. Acessado em: 17 de novembro de 2013.
- MONTAGUE, James. **How Al Ahly and Zamalek buried enmity to topple Hosni Mubarak**. *The National*. Disponível em: <<http://www.thenational.ae/sport/football/how-al-ahly-and-zamalek-buried-enmity-to-topple-hosni-mubarak>>. Acessado em: 05 de Setembro de 2012.
- MURAD, Mauricio. **Para Entender A Violência no Futebol**. Benvirá. São Paulo, 2012.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MEIHY, Murilo Sebe Bon; PARADA, M.; MATTOS, P. O (Pablo de Oliveira de Mattos). **História da África Contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. v. 1. 205p .
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

Recebido em 10 de maio de 2013

Aprovado em 5 de agosto de 2014